



O DOURO NO SITIO DO EXTINGTO CACHÃO.

A ESTAMPA, que temos á vista, foi copiada de um desenho, que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manuel de Castro Pereira benevolmente nos facultou, indicando-nos o ter concedido igual favor á benemerita Associação Maritima e Colonial. Dois eram os desenhos, obra do Sr. A. J. de Sousa Vasconcellos; o 1.<sup>o</sup> representando a vista do estado natural do cachão de S. Salvador da Pesqueira antes da sua extincção, e tomada da parte occidental: o segundo, a que demos preferéncia, mostrando a vista do rio Douro no sitio do extincto cachão, igualmente tirada da parte occidental em 1841: ambos sahiram lithographados e a noticia que se segue nos Annaes Maritimos e Coloniaes, n.<sup>o</sup> 5 de 1842. —

A Junta da companhia geral do Alto Douro alcançou da rainha a Sr.<sup>a</sup> D. Maria 1.<sup>a</sup>, por avisos regios de 25 de fevereiro e 23 de março de 1779, pelas suas consultas de 11 de dezembro de 1778 e 16 do mesmo mez de março, que se cobrassem 40 réis em pipa de vinho, aguardente, vinagre, ou qualquer liquido, que fosse transportada pelo rio Douro até á cidade do Porto, applicada esta contribuição para as obras do mesmo rio: deu começo a Junta a ellas pela demolição d'alguns pontos, galieiras, e cachoeiras que existiam em diversos sitios. Tentando porem empreza muito superior, fez principiar no estio de 1780 a importante obra da demolição do temivel cachão de S. Salvador da Pesqueira, proximo á ermida do Salvador do Mundo, que fica sobre o rio Douro, vinte leguas acima do Porto; ponto que se tornava inaccessivel á navegação do dito rio, desde o principio dos seculos, pelo poço de mais de 60 palmos de profundidade, que alli existia cercado de immensas pedras, e entre ellas tres grandes lousas, uma das quaes tomava quasi toda a largura do rio, despedia a agua para baixo com 5 pés de declive, sendo todas estas pedras cobertas com 3, 5 e 6 palmos d'agua. Encarregou a direcção da obra ao infatigavel Padre An-

tonio Manuel Camello, natural da Pesqueira, [depois remunerado com a abbadia de St.<sup>a</sup> Maria da mesma villa], que por zêlo do bem publico, e guiado sómente pela natural propensão e assidua meditação, que suppriram os conhecimentos que lhe faltavam, principiou e teve a fortuna de acabar tão importante obra, que em vão se tratára de levar a effeito nos reinados de alguns dos senhores reis deste reino e principalmente no do Sr. D. João 5.<sup>o</sup>, que mandou examinar este ponto pelo bem conhecido engenheiro Bento de Moura Aragão, a cujas luzes não foi occulta a possibilidade da sua destrucção; mas horrorisado do escabroso do sitio, persuadiu-se de que não haveria operarios que se sujeitassem a trabalhar nelle. Desde o anno de 1788 foi aquelle padre coadjuvado pelo hyraulico José Maria Yola, natural do reino de Sardenha, dotado de vastos conhecimentos; o qual, no andamento dos trabalhos, fez dar mais de 4.300 tiros debaixo de diferentes alturas d'agua, para desobstruir o rio e acompanhar a margem delle de um caminho por onde os marinheiros podessem alar os barcos á sirga quando os ventos lhes faltassem: abrindo assim a fogo na face daquelles rochedos, lisos e quasi perpendiculares, uma espaçosa estrada do comprimento de 643 varas e 8 palmos de largura na parte mais estreita, alargando igualmente o rio naquelle sitio 35 pés mais do que antes era. Foi no dia 22 de outubro de 1789 que primeiro subiram e desceram o rio neste ponto, antes intransitavel, e então sem o menor estorvo, o desembargador da casa da supplicação, João Antonio Salter de Mendonça, que acabava o logar de juiz conservador da companhia; Francisco de Azevedo Coutinho, desembargador da relação do Porto, juiz da corôa e procurador fiscal da mesma companhia; Guilherme Warre, negociante britannico, e depois consul da sua nação na mesma cidade, acompanhados todos pelo deputado da companhia e inspector das obras das estradas do

Douro, Francisco Baptista de Araujo Cabral Montez. Depois do dito periodo ainda a obra continuou até o anno de 1792 com fervor no aperfeiçoamento do mencionado caminho, e nos pontos chamados d'Arnozello e Requeijo, duas leguas mais acima do cachão, despendendo-se no rompimento delle e caminhos das suas margens acima de 50:000 \$ 000 de réis, de que a companhia adiantou consideraveis sommas: o rendimento da contribuição applicada a estas obras chegaria a 2:400 \$ 000 réis, termo medio em cada anno.

No complemento da obra fez a companhia collocar no escarpado do monte, que terá mil palmos de eminencia, e da parte do sul, que corresponde ao sitio em que existiu o celebrado cachão, uma famosa inscripção, para attestar ás idades futuras a grandeza da obra que neste sitio se consumou. Acha-se ella collocada 247 palmos acima da superficie das aguas: de extremo a extremo das letras collateraes tem 45 palmos de largura a regra superior. A mais baixa tem 38 palmos d'altura, sendo as letras de 2 palmos cada uma, gravadas na rocha em boa ordem e embutidas de iguaes letras de bronze dourado. É adornado este letreiro, que se póde considerar como mui singular, com uma coróa de 9 palmos d'altura, que, achando-se no meio da regra superior, vem a cabir perpendicularmente por cima do nome de MARIA. — Onde está posta esta inscripção, nem de cima nem de baixo, ou pelos lados se lhe póde chegar; e o hydraulico, ao colloca-la em tal eminencia, deixou como em memoria o seu espadim de prata na ponta de uma grande bandeira que, com as insignias reaes, pôz estacada 24 palmos mais acima do letreiro, e assegurada a um grosso e comprido varão de ferro. A inscripção contem o seguinte:

#### IMPERANDO

(Logar de uma coróa real)

#### D. MARIA I.

SE DEMOLIO O FAMOSO ROCHEDO QUE,

FAZENDO AQUI UM CACHÃO INACCESSIVEL

IMPOSSIBILITAVA A NAVEGAÇÃO

DESDE O SEU PRINCIPIO E DOS SEGULOS.

DURQU A OBRA DE 1780 A 1792.

Cabe uma grande parte da gloria de tão grande obra ao infatigavel zêlo e acrisolado patriotismo do insigne deputado, que então era, da companhia e inspector das obras do rio Douro, Domingos Martins Gonçalves, natural da cidade do Porto. (\*)

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES,

912 — 970

2.º

Azzahrat.

NUMA tarde do outono, d'essas tardes suavissimas dos paizes meridionaes da Europa, passeava pelos jardins deliciosos do harem de Azzahrat uma escrava grega, bella como a Venus de Phidias. Quem era? Era Azzahrat, a mulher querida de abd el Rahman. O palacio maravilhoso do calipha chama-

va-se do nome d'essa mulher, e fôra edificado por desejo d'ella. Nascêra aquelle palacio fadado, de um pensamento de amor.

Passeava Azzahrat nos jardins deliciosos do harem, seguida de suas escravas, como Calypso de suas nymphas; e encaminhando-se a um bosquesinho solitario, ao chegar a elle, tomando da mão de uma das escravas a sua harpa, mandou que se retirassem. Sentou-se sobre um assento de verdura e começou a tocar. Tocou, e os preludios do instrumento harmonioso suspendiam os sentidos e arrebatavam a alma. A principio eram harmonias rapidas, sons de guerra, ou de alegria; pouco a pouco foram affrouxando, e aquellas vibrações soavam já como as cordas da cithara de Samuel, mysteriosas e propheticas: de repente se modularam tão maviosas, tão meigas, tão enternecidas, que a harpa parecia uma mulher suspirando. O melodioso instrumento gemia e soluçava; e as lagrimas da formosa Azzahrat corriam em fio sobre as cordas.

Era a harpa que ajustava aos seus tons melancolicos o coração da grega encantadora, ou esta que revelava por aquelle modo as impressões da sua alma?

Eram os sentimentos de Azzahrat que se reflectiam e desfogavam naquelles accordos magoados.

Cessou de tocar, enxugou as lagrimas, e começou a lançar os olhos para quantos objectos a rodeavam. Viu uma avesinha voando por cima do laranjal que estava proximo, e invejou-lhe a dita de ser livre. Viu um lilaz vecejando á borda de um regato que lhe ficava a pouca distancia, e desejou ser flôr. Levantou-se e foi direita a um tanque: e olhando para a superficie serena e socegada, viu desenhar-se sobre aquella superficie a sua propria imagem, e ao contemplar-se tão formosa, um pensamento de vaidade lhe assomou na alma e no rosto. Tornou a mirar-se no tanque, e viu já animadas aquellas feições, que momentos antes estavam desbotadas pelas lagrimas. Mais consolada ergueu os olhos para os altissimos muros que rodeavam os jardins, como desejando transpôr esses muros; olhou para o pincaro do monte Alaro, sobranceiro ao palacio, e um vago desejo de transportar-se áquella eminencia lhe revoou pela mente; e do monte dirigiu a vista ao céu tão formoso e tão puro daquelle tarde outomnal, como pedindo-lhe a liberdade — symbolisada nas azas da avesinha que vira voando; ou a vida insensivel, sem tormentos e sem gozo, do lilaz que olhára debruçado sobre a agua. Rompeu mentalmente as prisões do serralho, e daquelle pequeno mundo em que estava comprimida, lançou-se com a fantasia no grande mundo a que anhelava. Com o que tinha visto antes de se encarcerar na sua prisão dourada, e pela lição dos livros [porque a talentos agradaveis juntava conhecimentos e noticias litterarias] compôz uma vida intima, uma sociedade fantastica, — muito mais variada e agradável que a do harem, que lhe parecia monotona. Ai! O seu coração palpitava. Quem avaliasse pela estimativa superficial do commum a sorte desta mulher, julga-la-hia pela mais ditosa. Enfeites e ornatos? Tinha quantos a imaginação póde cubiçar. Prazeres, festas, passatempos? Quantos se podiam accumular no recinto do harem. Musica, leitura, jogos, passeios, jardins, flôres para lhe divertir o espirito e recrear os sentidos. Para lhe gratificar a vaidade, a obediência de quantos a rodeavam, escravas e até eunuchos; e mais que tudo o coração de abd el Rahman rendido, captivo,

(\*) Vid. a pag. 177 do vol. 3.º

inteiramente captivo dos encantos de Azzahrat. O mais poderoso monarcha da Europa, a cujo aceno tremiam tantos povos humilhados, e tantos reis submissos, tinha-o aos seus pés esta escrava. Os poetas da corte, celebrando a sua belleza, comparavam-na ás huris celestiaes do paraizo do propheta. Os generaes mais famosos do exercito, e os estadistas mais sabios do divan nunca pronunciavam o seu nome sem cruzar as mãos sobre o peito, e inclinar-se até o chão. O iman associava-a sempre a ella no *chotbah*, que eram preces pela felicidade de abd el Rahman. Mas Azzahrat não se julgava feliz: e nessa tarde os accessos da sua melancolia habitual tinham sido mais obstinados.

Um pouco reanimada, como a deixámos á borda do tanque revendo-se na imagem da propria formosura, ao anoitecer se retirou ao palacio: e contra o costume, que era passar o serão em canticos e jogos com suas escravas, disse para uma dellas que ajudava a despi-la, e a acompanhava até lhe chegar o somno: «Noiretadia, escuso esta noite o teu serviço.» Recolheu-se logo ao seu quarto de dormir, e bem fechadas pela parte de dentro todas as portas que davam para elle, abriu uma secretária de ouro, tirou uma chavinha feita de um diamante, e mettendo-a no orificio quasi imperceptivel d'um arabesco que sobreornava a parede vestida de setim escarlate, abriu uma porta que dava para um pequeno camarim. Nesse camarim havia uma grande estatua, primor de um dos mais insignes artistas da epocha, o qual representava abd el Rahman offerecendo uma corôa á sua amante Azzahrat. Mas esta nem sequer deteve os olhos n'um monumento, tão lisongeiro dos seus encantos, e começando por metter uma moeda n'um encaixe das molduras de um quadro antigo que alli estava embebido na parede, entrou a desenroscar um parafuso que o segurava, e assim foi fazendo a outros, até que despegado inteiramente o quadro, appareceu por detraz uma porta falsa. Abriu-a; e ei-la dentro d'um segundo camarim mais ricamente ade-  
reçado.

Que era o que occultava aquelle escondrijo? e que vinha alli fazer áquella hora com tamanha precaução e tanto segredo e mysterio a valida do calipha?

O aposento, entre outros objectos, estava todo ornado de grandes espelhos metallicos, invenção tão antiga, se ha verdade em letra redonda, como o anno do mundo 2200: os de vidro ainda os não havia, pois só quasi tres seculos depois da data desta historia, romance, novella, ou como queiram chamar-lhe, foram descobertos em Veneza. A outra especie de adornos mais notaveis que alli se viam, eram estatuas, todas ellas de homens: viam-se — não digo bem — entreviam-se; porque á excepção de um que estava patente, os mais vultos estavam cobertos com véus de téla finissima. Diante deste parou Azzahrat: e pondo-se a contempla-lo com uma expressão particular de ternura, cahindo-lhe as lagrimas baga a baga, entrou a fallar com a figura: «Já hoje, encanto da minha alma, derramaram por ti estes olhos lagrimas; abundantes e amargas foram ellas, e a minha harpa gemeu de amor, deste amor que me devora. Ai! se ao menos podesses ouvir-lhe os sons, e conhecer o segredo, o segredo fatal do meu coração, um raio de esperança allumiaria os meus tristes dias. Mas tu até ignoras que eu vivo; e eu não te conheço senão

pelo esplendor da tua fama, e pelo traslado mudo, mas adoravel, do teu semblante.»

Linguagem estranha era esta! Mas não se podia duvidar que era linguagem de mulher apaixonada: estava explicada a scena melancolica do jardim: Azzahrat, a valida do sultão, amava a outro homem. E quem era elle?

Era um grande senhor, um guerreiro illustre, um christão, o inimigo mais encarniçado e temivel de abd el Rahman — era o conde de Castella, Fernão Gonçalves.

E pelo amor de um homem desconhecido que ella nunca vira, de um nazareno, de um inimigo, Azzahrat trahia com o pensamento ao seu Deus, ao seu soberano, ao seu amante, ao seu dever; apostata, perjura, rebelde, desleal, ingrata segundo as convenções do mundo mahometano; mas segundo as leis da natureza, mulher, mulher é que ella era; filha de Eva, e gulosa do vedado. O vedado é que lhe accendia a imaginação, lhe seduzia a vontade, lhe afoqueava os desejos; o maravilhoso, o singular, o romanesco, o perigoso, o impossivel. Com todas as outras estatuas que, já disse, estavam cobertas, e eram dos mais celebres guerreiros do exercito de abd el Rahman, tinha ella tido amores; mas um a um os havia abandonado, e agora a sua alma ardente e sympathica estava de todo rendida ao conde de Castella com uma paixão, um delirio, um phrenesi, que nunca sentira por nenhum outro. A tal ponto se apoderou della este sentimento que por vezes a razão lhe desvairava; e o desejo que nunca a largava de comunicar ao conde a sua affeição, veio a parar n'uma idéa fixa, e obstinada. Podia talvez com alguma probabilidade de bom exito, se bem que com muito risco, realisar o seu intento por meios ordinarios; porque tinha grande auctoridade e influencia no serralho, e subalternos que lhe eram inteiramente devotos: nem seria este o primeiro exemplo de tentativas iguaes e bem succedidas: mas retrahia-a o seu animo generoso e nobre, considerando a dor que affligiria abd el Rahman, se viesse a saber, como era possivel, que assim o preferiam e sacrificavam ao seu maior inimigo. Voltou-se pois para os meios sobrenaturaes. Possuia algumas noções da magia; e nas experiencias e estudos aturados que seguia acerca de encantamentos, tinha ha dias feito uma descoberta, com a qual esperava poder revelar ao conde em sonhos o seu amor, e até inspirar-lh'o, ao menos durante o somno.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

#### BALÕES OU MACHINAS AEROSTATICAS.

5.º (\*)

ANTES de proseguirmos com a relação de Lunardi expliquemos em duas palavras o assumpto da gravura. — Em julho de 1819 madama Blanchard, viuva do aeronauta deste nome, fez em Paris uma ascensão nocturna: levava a barquinha toda empavezada, e guarnecida de brilhante iluminação; de quando em quando lançava foguetes, e um delles, mal dirigido, tocou no balão, e inflammando o hydrogenio fez que a infeliz cahisse precipitada á vista da multidão de espectadores horrorisados por tão

(\*) Continuado de pag. 22.

infausto successo: achou-se o cadaver n'um telhado da rua de Provença. —



*Continúa a viagem do capitão Lunardi.*

PELAS 6 horas e meia principiei a descer lentamente o globo, e um quarto de hora depois, a ancora chegou a tocar em terra; e assim foi arrastada pelo globo, por algum tempo, até que por fim pegando em alguma raiz muito forte, arreventou a corda, e tendo-se o globo alliviado do pezo da dita ancora, tornou immediatamente a levantar-se.

As 7 horas em distancia de uma legua da terra, achei que o vento se fazia todo ao norte, e parecia querer levar-me para o mar. Para livrar-me deste risco, puxei pela corda da valvula, com tanta força, que a arreventei, e fiquei por tanto sem ancora, e sem valvula.

As 7 horas e um quarto, toquei na terra, com tanta violencia, que saltou fóra da barca em que eu ia outro sacco de 20 arrateis de arêa, e achando-se de novo o globo mais leve com a falta deste pezo, tornei a subir com uma rapidez incrível, e tornei a achar o vento noroeste.

Sentindo, que me tinha elevado a altura de legua e meia, pouco mais ou menos, cortei o collo do globo, e diligenciei que lhe entrasse muito ar atmosferico, e tendo assim augmentado o seu pezo, principiei novamente a descer.

Para conhecer com certeza a velocidade, com que descia, deitava ao ar alguns pedaços de papel; e se via que elles voavam parallelamente com o globo, concluia, que descia com a mesma força, que os ditos pedaços de papel; e quando o papel subia mais alto, lançava fóra alguma arêa, e diminuindo assim o pezo, estava sempre em equilibrio com o papel.

As 7 horas e tres quartos, posto que tocasse em terra levemente pelo pezo vertical, a galeria deu uma grande pancada horisontal com a força do vento, que então era fortissimo. Ouvi o ladrar de alguns cães, mas não me foi possivel ouvir voz humana.

O globo se levantou novamente quasi 300 toezas, e tornou a descer com summa velocidade; foi então que gritei, pedindo soccorro a um homem, que estava pouco distante, e elle com effeito deu alguns passos para mim; a violencia porem do vento me levou tão distante d'elle, que o não tornei a ver.

Constou-me depois, que achando-se naquelles contornos um grande numero de homens, empregados no fabrico do carvão, se assustaram á vista do globo, e muito mais, quando perceberam que dentro d'elle vinha uma figura humana. Correram a pegar nas armas de que usam, e devo a minha salvação á rapidez, com que desapareceu o globo, tornando em meu favor o que d'antes eu suppunha uma desgraça. Não dei então fé de todo este risco, e foi para mim um caso totalmente novo, que contudo merece toda a crença, por ser contado por pessoa dotada das maiores qualidades, e a quem foi referido todo este successo por um criado, igualmente verdadeiro, que lhe administra algumas fazendas nas visinhanças.

Dei uma pancada fortissima em terra, e o globo me arrastou por um pouco; e por isso tendo-se voltado a barca, ficou no chão o ultimo sacco de arêa, as garrafas, a tromba, &c. Portanto o globo, achando-se alliviado de todo o pezo, se levantou a uma altura immensa. O sol já se não via, nem ainda da altura em que me achava, que era de legua e meia; e como eram já 8 horas, não podia bem distinguir, se o globo me levava para a terra, ou para o mar. Fiz então varias aberturas na parte inferior do globo, a fim de lhe entrar maior copia de ar atmosferico; e como me achava em uma altura desmarcada, rarefazendo-se cada vez mais o ar inflammavel sahia em grande abundancia pelos buracos, que lhe havia feito.

Certifiquei-me da carreira que seguia pela luz de um fogo ateado em cinco partes diversas, e depois vim a saber, que eram mattas, que ardiam para beneficiar o terreno para agricultura.

Finalmente ás 8 horas e meia, cheguei a tocar em terra em uma matta, e então senti a falta que me fazia a ancora, pois que depois de ter dado uma grande pancada na terra se levantou mais de 300 varas; tornou a cahir, arrastou-me, e elevou-se outra vez mais de 100 varas; pela terceira vez chegou a terra, e levantou-se, e eu apromptei-me para lançar-me fóra da barca, quando chegasse novamente a descer, e tomei as minhas medidas tanto a tempo, que apenas tocou, achei-me estendido no chão.

Ficando a machina alliviada do pezo de 164 arrateis [que é quanto eu pézo] se elevou tanto, que nunca mais a tornei a ver. Preferindo a perda da machina á de um braço, ou de uma perna, não tentei segui-la, tanto mais que não podia esperar que ella fosse retida pelo encontro de alguma arvore, não a havendo no lugar em que me achava, ou não a podendo distinguir pela obscuridade da noite.

Finalmente o lugar onde desci, fica no termo e freguezia da villa de Lavre, distante duas leguas de Vendas Novas.

Foi por tanto a minha viagem aerea de 14 leguas de extensão: durou 3 horas e tres quartos: a sua maior elevação foi de legua e meia, em a qual sendo já noite, ouvi na parte superior do globo estálos continuos, semelhantes aos tiros produzidos pela faisca electrica, quando sahe do electrometro: effeitos novos por mim nunca experimentados em occasiões semelhantes. (Continuar-se-ha.)

## ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

III.

## Architectura. (\*)

Já dissemos quanto era sublime o pensamento artistico do Sr. J. P. Monteiro, alumno ordinario, concorrente ao primeiro premio de architectura, e premiado com a medalha de ouro no recente concurso — resta-nos mostrar as provas em que fundamentavamos esta nossa opinião — uma breve descripção do projecto de uma academia das Bellas-Artes, na qual o Sr. Monteiro realisou esse seu pensamento, será quanto baste para se avaliar o não vulgar engenho deste artista, que apenas conta dezenove annos! — A extensão do edificio não altera a magestade e belleza do estylo grego que na maior pureza se observa em todo o projecto. — A fachada anterior é ornada por cinco corpos — um central, dois intermedios, e dois lateraes — o central e os lateraes são formados por oito columnas de dorico de Pæstum — é impossivel descrever o effeito respeitoso destas columnas estriadas e sem base que parecem sumir-se pela terra dentro. O templo de Neptuno em Pæstum, que é decorado com columnas desta ordem não appresenta na sua fachada principal, tanta magestade como a que appresenta o corpo central do plano do Sr. Monteiro; porque os degraus lhe tiram o grandioso que estas columnas exprimem, quando immediatamente assentam na terra, — sobre o corpo do centro assenta um frontão em cujo tympano está indicado o baixo relevo que o deveria ornar, e que seria = *um genio com um facho acceso* = o frontão é coroado por uma especie de attico, que pela sua simplicidade augmenta o sentimento de admiração que desperta na alma a harmonia e pureza da concepção de todo este plano: em todos os corpos que ornão o edificio ha fachas, onde em baixo-relevos se deveriam representar, segundo a intenção do Sr. Monteiro, assumptos da historia grega e egypcia — no friso e na architrave deveria transcrever-se a era em que a academia fosse terminada ou principiada — a parte do friso, que não tem esta facha, é ornada com triglyphos; os corpos lateraes não tem este ornamento; os intermedios são de um aspecto rustico e com 14 janellas: as quaes estão concebidas assim como os accessorios em todo o rigor da ordem. A fachada posterior é menos ornada do que a principal; tem umas aberturas praticadas por cima das janellas, que podem dar mais luz ás salas do estudo da gravura, ou esclarecerem um segundo pavimento. — O assumpto que o Sr. Monteiro indicou para ornar o tympano do frontão posterior, foi *Homero escrevendo as rapsodias que lhe dicta o Deus da poesia no Parnaso, e em torno de Homero as musas.* — Nenhum dos corpos lateraes tem frontão, de modo que as fachadas que estes corpos decoram fazem um perfeito contraste com a fachada do norte e do sul. O vestibulo, para que communicam quaesquer das tres portas principaes, nos conduz por qualquer caminho, de modo que abi voltaremos com a maior facilidade. O vestibulo recebe a luz por uma claraboia, ornada com columnatas da ordem jonica, ao vestibulo segue-se uma grande praça ornada com columnatas da ordem corinthia; na decoração desta praça venceu o Sr. Monteiro grandes difficuldades para conservar o estylo grego na sua pureza, e para não al-

terar a commodidade do edificio. No tympano do corpo principal deve-se representar em baixo relevo, segundo o pensamento do Sr. Monteiro, *Platão e Apollo dando as mãos em presença das artes.* A escolha dos assumptos que hão de formar os baixos relevos demonstram o genio do artista, e caracterizam o typo ideal do seu estylo: por qualquer das tres portas se entra em um vestibulo aformoseado pela ordem corinthia: segue-se-lhe uma sala da mesma ordem, mais rica do que o vestibulo, e depois entra-se na sala principal do edificio, aonde a sumptuosidade dos ornatos e elegancia das formas brilha com todo o esplendor do genio, mas de um genio que sabe conservar na sua pureza o estylo que representa, e que o não some por entre ornatos sem gosto e amontoados, como se a quantidade e não a disposição fosse um elemento do bello nas produções architectonicas. O Sr. Monteiro distribuiu os ornatos com muito acerto, e empregou muito appropriadamente todos os meios de revestir de magestade o seu plano; e o conveniente emprego destes meios é uma grande difficuldade que os artistas e os povos tem que vencer. A columna, que representa um pensamento nessa eterna epopea de pedra, que por todo o mundo e por tantos seculos tem conservado as memorias de muitas gerações, e é considerada como um dos mais completos symbolos da arte, é magestosa até entre ruinas, como no campo Vaccino, onde se ergue por entre os vestigios do Forum, como o phantasma gigante desse passado, de que os barbaros não poderam destruir as memorias, apesar de as terem arremecado ao devastador incendio de tantas cidades, e ao feroso e carniceiro delirio de tantos combates; mas que significa essa columna prodigalisada nas modernas construcções de Inglaterra, e que o viajante admira em S. Paulo de Londres, e que depois encontra ornando os armazens de Manchester? Mr. Viardot, na sua interessantissima obra acerca dos Museus de Inglaterra, diz que é tal a profusão com que em Londres se empregam as columnas, que ha bairro em que haverá mais do que em Roma! Este abuso no emprego dos convenientes modos de appresentar o pensamento, prova a decadencia e a corrupção do espirito, demonstra a sua incompetencia para crear um typo: pois que nem discernimento possui para empregar os antigos. — O plano da Academia de Bellas-Artes, de que temos fallado, é uma demonstração solemne de que um espirito elevado póde conceber, em toda a sua formosa e elegante virgindade, qualquer dos typos antigos: a sala principal, onde o desejo de a tornar digna do lugar distincto que occupa neste nobre edificio, poderia obligar o genio creador do Sr. Monteiro a desviar-se do verdadeiro caminho da arte, perdendo-se em um labyrintho que, apesar de ser ornado de muitas flores e algumas formosas, não deixa de ser labyrintho: foi a parte do edificio em que o artista mais revelou o quanto estava possuido da idéa de harmonia e pureza que o estylo grego representa. Assim como na pintura ha a graduação das côres, na architectura ha a graduação dos seus elementos principaes; o Sr. Monteiro tambem comprehendeu este preceito dos mestres, e estabeleceu uma relação constante de augmento nos primores e elegancia dos ornatos desde a entrada até a sala principal: perto desta sala está a que devia servir para a exposição das obras de esculptura: sahindo desta sala encontra-se um vestibulo decorado pela ordem jonica, do qual as tres portas conduzem ao vestibulo da

(\*) Continuado de pag. 32.

entrada. A decoração de todas as aulas, galerias e bibliothecas está imaginada com a simplicidade que estes locais requerem. Para que neste projecto nada faltasse que fosse commodo e vantajoso para o edificio que representava, estavam mencionados os necessarios jardins, e muitos outros indispensaveis meios de transformar o degredo em que hoje jazem as Bellas-Artes em Portugal no paraizo que merecem. A distribuição foi tão bem percebida e demonstrada pelo Sr. Monteiro como a decoração exterior e interior.

A *impronsa*, quando percebe a altura da sua missão, quando não é o reflexo de paixões más e de pertencções ridiculas, é um jury solemne que sempre premeia o merecimento: é esta a razão porque, desejando darmos uma prova do quanto foi justa e bem concedida a honra que a Academia facultou a todos os seus alumnos que julgou merecedores de serem premiados, resolvemos fallar das obras desses alumnos em seguida ás que os seus dignos professores appresentassem, e que fossem as de que fallam os estatutos da Academia.

Antes de nos affoutarmos a um breve juizo ácerca de muitas produções de grande merecimento que enriqueceram a exposição, faremos uma breve descripção do projecto que o Sr. Corrêa appresentou para uma academia das Bellas-Artes: este projecto consta de tres plantas, os côrtes e as fachadas do edificio: ainda que o pensamento que lhe deu origem não foi tão sublime como o que deu um caracter nobre e original ao projecto do seu condiscipulo, contudo as honras do accessit que a Academia concedeu ao Sr. Corrêa foram bem merecidas: e se o seu competidor não fôra um genio de tão subido valor, por certo que o projecto do Sr. Corrêa não seria desmerecedor de maior honra: projectou o seu edificio em um terreno horisontal e de figura rectangular; as fachadas são ornadas por cinco corpos, o do centro mais saliente que os angulares; todas as fachadas são decoradas pela ordem doricca, e foi bem pensada a escolha desta ordem, pois que apesar dos romanos terem inventado a toscana e a composita, a doricca foi sempre a que mais prezaram, em quanto o prodigioso luxo de Nero não abafou a pureza e magestade que a arte grega manifestou por muito tempo na sua longa — e eterna escravidão. Esta ordem caracteriza bem o estylo romano, escolhido pelo Sr. Corrêa; as entradas principaes para o edificio são no centro, as lateraes são geraes para todo o edificio, e tem semi-vestibulos que dão entrada aos corredores com que as aulas communicam: a planta appresenta accommodações para todas as aulas, as quaes foram delineadas com bastante cuidado: no mesmo pavimento das aulas estão as salas de conferencias, secretaria, museu, &c., e o gabinete para o vice-inspector e para o director geral: aformoseou o Sr. Corrêa o seu projecto com quatro jardins, que tão indispensaveis são em um estabelecimento em que a natureza é estudada pela arte; o edificio tem diferentes escadas que estabelecem a communicação com os outros pavimentos; a principal fica em frente do vestibulo interior, e dá entrada para a sala que precede a das sessões regias, a qual é decorada pela ordem composita: a meia altura das columnas está uma galeria, a sala tem a forma oval: foi com muita intelligencia que o Sr. Corrêa escolheu para a ornar a ordem composita. Os corpos insulados, que se observam nos angulos e no centro do edificio, servem para dar a quantidade de luz

que devem ter as aulas de gravura, lithographia e miniatura: o pavimento inferior foi destinado para diferentes officinas. — Do que temos dito se vê que o Sr. Corrêa, tambem como o Sr. Monteiro, seguiu na disposição e decoração a doutrina de Blondel e as proveitosas lições dos seus babeis professores.

O Sr. A. P. C. Caceres, alumno ordinario, concorrente ao segundo premio de architectura e premiado com a medalha de prata, mereceu bem esta honra pela exactidão e intelligencia com que copiou o plano do palacio d'Ajuda; e constando este plano de duas plantas geraes, a fachada principal, a lateral, o côrte principal e outro transversal, o Sr. Caceres é digno de muita consideração por ter acabado com igual esmero todas estas diferentes partes. O maior elogio que se pôde fazer á nossa Academia das Bellas-Artes, o mais digno louvor que se pôde tributar aos seus distinctos e zelosos professores, é mencionar o apprecimento de discipulos como os de que temos fallado, e ainda havemos de fallar, os quaes com justiça merecem muitos louvores, e os continuarão a merecer se continuarem a cultivar o seu genio e a seguir os conselhos dos seus intelligentes mestres.

Alguns dos projectos do tão fallado concurso para a construcção de um theatro nacional, appareceram nesta exposição, e provaram duas cousas já bem sabidas: 1.<sup>a</sup>, o incontestavel merecimento dos nossos architectos; 2.<sup>a</sup>, a injustiça com que foram tratados, que porventura seria bastante para acabar para sempre com a architectura em Portugal, se os nossos artistas não fossem dignos deste nome pelo pensamento e pelo coração. Os planos appresentados na exposição, e outros, que abi não appareceram, não merecem o esquecimento, ainda quando mesmo com justiça fossem preferidos. Quando no tempo d'elrei D. João 5.<sup>o</sup> um portuguez foi preferido a um estrangeiro, o trabalho que Philippe Zurara havia tido em inventar e desenhar um plano para o palacio de Mafra, não foi esquecido, e *uma riquissima cruz da Ordem de Christo com dois mil cruzados de pensão* mostrou que se premiava os que se entregavam com zelo e intelligencia ao estudo das Bellas-Artes, e que aproveitavam as occasiões em que o genio podia aformosear este paiz. O plano do Sr. João Frederico Ludovico foi o approvedo, mas o de Zurara não foi desprezado! Estamos persuadidos que só um esquecimento involuntario, nascido do muito que as discussões politicas entrefem as attentões, pôde ser a causa de se não ter mostrado o testemunho de gratidão que os nossos architectos merecem.

Dos tres planos que vieram á exposição, o que mais denotará os effeitos do pouco tempo concedido para este concurso, e das condições demasiadamente exigentes, e algumas talvez impossiveis de se realisarem, foi o do Sr. Lucas, academico de merito e bibliothecario da Academia; mas mesmo assim o saber deste artista e o aproveitamento com que continuamente se entrega ao estudo, não podia fazer com que o Sr. Lucas deixasse de manifestar o seu talento; e o seu projecto demonstra a sua intelligencia. O Sr. Sequeira, de quem já mais de uma vez temos fallado com louvor, é digno de lhe tributarmos novos elogios pelo bom gosto e acabamento do seu plano para a construcção do theatro.

O projecto do Sr. Paulo José Ferreira da Costa, architecto ajudante na Repartição das Obras publicas, está perfeitamente desenhado: appresentava a grande vantagem de uma economia extraordinaria; porque o Sr. Costa, em lugar de se entregar ás ins-

pirações do seu genio, que por certo formariam um plano muito magestoso e bello, mas talvez inexequível attendendo ás circumstancias, estudou bastante o terreno em que o theatro devia ser construido, e os meios de aproveitar o antigo edificio; e na verdade o projecto do Sr. Costa demonstra que este habil artista alcançou o fim que desejava, e que as poucas modificações que pode fazer nas fachadas foram tão bem imaginadas que lhe deram uma elegancia que não tinham. A intelligencia e o primor com que estão inventadas e desenhadas as quatro plantas, quatro fachadas e quatro côrtes, que formam este projecto, mostram que o Sr. Costa é um perfeito professor de desenho linear.

O Sr. Manuel Joaquim de Sousa, academico de merito, appresentou um projecto para o palacio de um soberano, contendo as plantas terrea e nobre, a fachada principal e a que pertence aos lados dos jardins. O plano é vastissimo, o estylo é romano, mas a profusão dos ornatos transtornou alguma cousa o bom effeito deste sumptuoso edificio, que está delineado com bastante saber.

A memoria do immortal Duque de Bragança foi trazida á exposiçáo pelo Sr. Fonte e pelo Sr. Lucas José dos Santos Pereira: o monumento, inventado pelo Sr. Fonte, é simples e inculca bastante sentimento; o fuste da columna sobre que assenta o busto do Imperador está partido: a saudade que o heroe deixou, e a falta que fez, foram interpretadas devidamente. O monumento appresentado pelo Sr. Lucas era magestoso, e a parte inferior tinha bastante harmonia. O delineado pelo Sr. Fonte devia erigir-se na cidade de Angra do Heroismo, e o projecto do Sr. Lucas foi uma copia, passada para ponto maior, de outro appresentado no concurso aberto para a invenção e execuçáo de um monumento dedicado á memoria de S. M. I. o Sr. D. Pedro: o apparecimento destes dois projectos é como uma reprehensáo que a lembrança de dois artistas dirige ao esquecimento de um povo! esquecimento em que jazem envolvidos [com uma unica excepção] (1) quantos tem immortalizado o nome portuguez.

O estrangeiro que, separando-se das margens do Rheno, do Sena, ou do Tamisa, atravessar os mares para reverenciar a patria de heroes que na immensa vastidão das aguas, no abrazado terreno do novo mundo, e na terra em que nasceram, deixaram vestigios eternos das suas acções, percorrerá em vão todo o Portugal para encontrar um monumento em que o genio e o dever d'uma geração gravassem uma recordação saudosa dos seus antepassados. O estrangeiro, ao approximar-se do nosso paiz, sentirá crescer o desejo de o estudar, e percorrendo com o pensamento as paginas da historia, uma epopea sublime e grandiosa lhe absorverá o pensamento; entre o ruido dos combates ouvirá o cantico de Camões; e entre o murmurar das orações a voz de Fr. Luiz de Sousa dissipada a illusão ouvirá o gemer das ondas, ao quebrarem-se nos escarpados rochedos, confundir-se com o rumor de uma população que se revolve dentro da cidade que ao longe se avista: despedindo-se do oceano entrará no Tejo, depois de haver por alguns dias cansado a vista em buscar a suspirada terra, que só o pensamento póde antever alem das aguas e do céu, que no seu parecido encontro formam o horisonte cujo circulo vasto não é ainda limite bastante para a imaginação! os olhos deixarão de se cravar nas grossas e revoltas ondas do

oceano, e contemplarão as aguas mansas do Tejo, que, boijando as praias, reflectem a imagem dos edificios que annunciam a proximidade da formosa Lisboa, que ao longe, como no fundo do Tejo, se percebe engastada no céu mais poetico do mundo! Saltando em terra muito mais se augmenta o desejo de conhecer este paiz: «chamam ingrato a este povo; não o é [dirá o estrangeiro]; já encontrei um monumento magestoso, digno de um heroe:» depois, esforçando-se para abafar um sentimento de orgulho nacional, exclamará «unico em o seu genero!» Este elogio é grande, é merecido: portuguezes, regosijai-vos de o ter ouvido, sede vaidosos pelo merecer, que ao voltar para a patria bem caro vos fará pagar o estrangeiro esse momento de orgulho, quando, fitando a vista no grande monumento de um rei, de um artista e de um ministro, exclamar: «É o unico em todo o Portugal!» (2)

S. J. Ribeiro de Sá.

#### ANTIGAS CÔRTEZ DE PORTUGAL.

(Continuado de pag. 27.)

VEIO a gloriosa revolução de 1640, e então renasceu a lembrança, amortecida, das tradições e liberdades antigas. Celebraram-se em Lisboa côrtes no mez de janeiro de 1641; e no preambulo ao assento dessas côrtes se proclamou como doutrina fundamental: *que ao reino sómente compete julgar e declarar a legitima successão do mesmo reino, quando sobre ella ha duvida entre os Pertensores por razão do rei ultimo fallecer sem descendentes: e que lhe toca tambem eximir-se da sua sujeição e dominio, quando o rei por seu modo de governo se fez indigno de reinar, por quanto este poder lhe ficou quando os povos a principio transferiram o seu no rei para os governar.* Era o protesto portuguez de Febos Moniz erguendo-se triumphante, 60 annos depois de haver succumbido com a patria.

Este reconhecimento da soberania nacional, e do direito imprescriptivel das sociedades a resistir contra a oppressão, tão solemne e explicito naquelle celebre assento, deprimiu-o com o apodo de *monarchomachia jesuitica* a Deducção Chronologica; invectiva que não é de maravilhar nesse papel, o qual na parte politica é um manifesto, e furibundo, do poder absoluto.

O appellar ao terceiro estado, a invocação aos principios populares era recurso sabido e costumado da realza nos seus apuros: e o grito comprimido pela tyrannia ou a conquista no coração das povoações bramia, assim que o soltavam do seu carcere, e estalava como a lava volcanica sobre a cabeça dos oppressores. Logo nas côrtes de 1642 se appresentou accusação contra os ministros da corôa, e especialmente contra o secretario Francisco de Lucena, que culpado de traidor foi mettido em processo, e depois decapitado. E nas de 1668, resulta de uma conjuração contra o rei Affonso 6.º, foi este deposto; e em lugar dos tributos existentes que se resolveu cessassem, foi votado por tres annos o subsidio de quatrocentos mil cruzados, alem de cem mil para a fortificação das praças.

Esta attribuição de votar e negar tributos era a unica que verdadeiramente caracterisava as nossas assembleas legislativas; que os povos zelavam mais;

(2) Elrei D. José, o grande Pombal e o inigne escultor Machado.

(1) E' a estatua equestre da Praça do Commercio.

e os reis se atreviam menos a offender. De todas as outras faziam bom barato os monarchas, ainda os mais respeitadores ou mais gratos áquellas prerogativas que tinham sido origem da sua elevação. E o proprio D. João 1.º, que se obrigára a não fazer a paz, nem a guerra sem consentimento dos estados, não pôz duvida em emprehender e executar o commettimento de Ceuta sem consulta-los: sómente ouviu os do seu conselho; e de caminho para Africa com sua frota, desembarcando em Lagos, notificou ao povo da cidade a mysteriosa jornada, e nem por pregões, nem por gazeta, que ainda as não havia, nem menos por côrtes que não estavam convocadas, mas por um sermão encomendado ao padre mestre, Fr. João Xira, que o prégou diante do povo; sermão em que o muito reverendo padre, empenhando todo o cabedal da sua sciencia, procurou supprir com textos da Escripura as rasões que provavelmente se haviam de ponderar nos estados, se acaso os convocassem para deliberar ácerca daquella guerra. E com predição do feliz successo da empreza — predição que elle fundou nada menos que na conjuncção dos astros, e no aspecto dos signos celestes — consolou o povo de Portugal do esbulho que acabavam de lhe fazer a uma das suas prerogativas politicas.

Já assim não passou no tocante a pedidos ou tributos, que esses não foi elrei ousado de os lançar na ausencia das côrtes; e á falta delles diligenceou remir pela maneira que narra Azurara em sua chronica.

Tão sagrada reputavam a bolça dos contribuintes, por tão inviolavel tinham este direito de tributar, e de tal maneira era esta aos olhos de todos a linha divisoria que separava o governo portuguez das fórmias do absoluto, que se podia bem crer que quem declarada e acintemente a quebrasse, aspirava á tyrannia, e a instituir o poder monarchico sem nenhuns limites. Era esta a pretenção de D. Pedro, a quem os estados tinham entregado a regencia, depois de exauctorarem da corôa a Afonso 6.º

Como disseemos, as côrtes de 1668 tinham votado subsidios por tres annos. Os tres annos tinham expirado. Que havia de fazer o regente? Em 28 de fevereiro de 1671 dirigiu carta aos ouvidores das commarcas, como superintendentes do lançamento e cobrança dos tributos para continuarem a lançar e cobrar esses mesmos subsidios cuja auctorisação já tinha findado. Os ouvidores expediram precatória ás camaras, incluindo a carta; mas as camaras recusaram obedecer e fazer a repartição do subsidio, com fundamento de que o *contracto* primeiro dos tres annos, celebrado em côrtes, se não tinha renovado. Os ouvidores por ordem do principe repetiram a instancia; e as camaras recusaram novamente.

Esta opposição em vez de fazer entrar o governo no caminho do dever, estimulou-o a exaggerar suas odiosas pretenções, e a ordenar pela Junta dos tres estados, que era um tribunal superior encarregado da cobrança das contribuições de defeza, que cumulativamente com os subsidios se lançasse o real d'agua. As resistencias continuaram do mesmo modo; até que recorrendo o principe ás ameaças e á força, que é a ultima razão dos reis e tambem dos povos, callaram-se, e com ellas succumbiu em Portugal o governo representativo.

Convocaram-se ainda, é verdade, tres annos depois d'este ensaio de absolutismo tão manifesto,

novas côrtes; mas foram dissolvidas por tumultuosas. É que não bastava ter cabido, encerradas ellas, a massa de ferro do poder real sobre uma das prerogativas do corpo legislativo; cumpria descarrega-la em cheio sobre esse corpo, quando elle estivesse funcionando e no seu posto: e só assim se completou o voto de exterminação, que lhe estava aparelhada.

Seguiu-se uma lacuna de 145 annos, em que andando á solta concentrado n'um só individuo, teve o poder assaz tempo de nos mostrar o que val n'essa nova posição: e mostrou-nos com effeito que valia pouco; e que se a nação se ergueu um tempo, e se illustrou, regendo elle, não foi por virtude propria do systema; mas pelo genio extraordinario de um homem, que não transmittiu, porque não podia, nem os dotes da sua cabeça, nem a força da sua alma aos seus successores politicos.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

UM DECRETO DE FREDERICO 1.º DA PRUSSIA.

É datado de 18 de dezembro de 1714, em Berlim; e diz assim: — «Attendendo a que nós mesmos observámos em muitas partes que os *reformados* assim como os *lutheranos* estendem os sermões fóra de medida, e que os prégadores só os alongam por meio de inuteis e enfadonhas repetições, a fim de fallarem por muito tempo; desejando pôr limite a isto que mais enfraquece do que alimenta a devoção, o que não pôde causar bem; mandámos que os sermões se reduzam de maneira que, independentemente do canto e oração, não passem de uma hora. — Conclue o decreto impondo multa aos transgressores, a qual manda applicar ás despesas da igreja onde o prégador delinquisse.

A escacez de papel proprio para impressão é assaz notoria pelas declarações que tem feito alguns jornaes publicados nesta capital: vê-se pelo papel em que estão imprimindo todos, inclusivamente os que ainda se não queixaram, que os respectivos proprietarios foram constrangidos, pela carencia absoluta de outro melhor, a lançar mão do mais ordinario, e até do infimo, por não alterarem os seus formatos. Que esperaria portanto o Panorama, attento o seu tão especial formato?... Esgotadas todas as diligencias não foi possivel achar papel que lhe conviesse: — e para que os Sr.ºs assignantes não estranhem a qualidade do que empregámos no presente n.º, e terá de servir para mais alguns, tambem pômos aqui a nossa declaração, observando que a Direcção teve de fazer o sacrificio de o comprar muito mais caro, até por ser preciso para cada numero o dobro das resmas que d'antes se gastavam; e essa é tambem a razão de sahir cada exemplar em duas folhas soltas, impressas como folio.

O Panorama havia muito que era estampado em papel da fabrica da Abelheira; esta não pôde laborar na estação competente por causa da extraordinaria e inesperada sêcca deste inverno; o supprimento que existia para alguma falta exauriu-se; foi por isso forçoso adoptar o recurso unico que se offereceu para evitar a suspensão temporaria do Jornal.